

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIENCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA**

Vitória Ulinoski Moch

**O PENSAMENTO EUROPEU MODERNO E A OBRA DE FERNANDO
PESSOA**

Santa Maria, RS
2023

Vitória Ulinoski Moch

O PENSAMENTO EUROPEU MODERNO E A OBRA DE FERNANDO PESSOA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em História.**

Orientador: Prof^o Dr^o. Carlos Henrique Armani

Santa Maria, RS
2023

Vitória Ulinoski Moch

O PENSAMENTO EUROPEU MODERNO E A OBRA DE FERNANDO PESSOA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em História.**

Aprovado em

Carlos Henrique Armani
(Presidente/Orientador)

Renata Baldin Maciel (UFSM)

Luana da Silva de Souza (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

RESUMO

O PENSAMENTO EUROPEU MODERNO E A OBRA DE FERNANDO PESSOA

AUTORA: Vitória Ulinoski Moch

ORIENTADOR: Prof^o Dr^o Carlos Henrique Armani

O estudo do pensamento europeu moderno a partir da obra do poeta português Fernando Pessoa em uma interlocução entre história intelectual e literatura, proporcionou não apenas um aprofundamento das questões filosóficas e pertinentes ao homem do início do século. E sim, possibilitou a construção de um cenário do mundo o qual Fernando Pessoa pertencia e foi capaz de abordar em sua literatura. O devir, conceito elaborado pelo historiador Franklin Baumer permitiu o plano de fundo para que se aprofundasse o estudo da dinâmica dos conceitos de ansiedade, alienação e absurdo e da inclusão de um quarto conceito: a angústia. Enquanto que LaCapra, também é referência teórico-metodológica que norteou a leitura das fontes textuais através dos contextos que elaborou. Além disso, autores como Kafka e Camus aparecem no trabalho como fontes textuais para elaboração de sentido de mundo abordado. Dentre as especificidades de obra de Pessoa está a heteronímia, que se mostrou como uma característica essencial para a análise dos três “A’s” que se pretendia analisar a partir da literatura do poeta e definindo assim o maior recorte de análise: Álvaro de Campos. Visto que ele é descrito pelo próprio Pessoa como heterônimo da modernidade, pois trata em sua poesia dos temas que definem a conjuntura do Devir: o mundo moderno, das novas tecnologias, da aceleração do tempo, e principalmente do desespero epistemológico, do relativismo quanto à natureza humana e da desvalorização de si próprio, conceitos que também serão abordados ao longo do trabalho em questão.

Palavras-chave: Pensamento moderno; História Intelectual; Ansiedade; Absurdo; Alienação; Fernando Pessoa.

ABSTRACT

MODERN EUROPEAN THOUGHT AND THE WORK OF FERNANDO PESSOA

AUTHOR: Vitória Ulinoski Moch

ADVISOR: Prof^o Dr^o Carlos Henrique Armani

The study of modern European thought from the work of the Portuguese poet Fernando Pessoa, through a dialog between intellectual history and literature, provided not only a deepening of philosophical questions for the man of the beginning of the century. Moreover, it enabled the construction of a world scenario to which Fernando Pessoa belonged and was able to address in his literature. "Devir", a concept elaborated by the historian Franklin Baumer, granted the background to deepen the study of the concepts of anxiety, alienation, and absurdity while also giving way to the inclusion of a fourth concept: anguish. Alongside the contributions of Bauman, LaCapra is also an important theoretical-methodological reference that guided the reading of textual sources due to the contexts he elaborated. In addition, authors such as Kafka and Camus appear in our work as textual sources for making sense of the approached world. Among the specificities of Pessoa's work is heteronomy, which proved to be an essential characteristic for the analysis of the three "A's" that intended to analyze the poet's literature and thus define the largest analysis sample: Álvaro de Campos. Since he is described by Pessoa himself as a heteronym of modernity, as he deals in his poetry with the themes that define the conjuncture of Devir: the modern world, new technologies, the acceleration of time, and mainly the epistemological despair, relativism regarding the human nature and the devaluation of oneself, concepts that will also be addressed throughout this work

Keywords: Modern thought; Intellectual History; Anxiety; Absurdity; Alienation; Fernando Pessoa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 O DEVIR E UM “PESSOA” PROBLEMÁTICO.....	11
1.2 A MULTIPLICIDADE DO SER EM FERNANDO PESSOA: A HETERONÍMIA PARA COMPREENSÃO DO SUJEITO MODERNO.....	18
2 O MUNDO DO ABSURDO, DA ANGÚSTIA E DA ALIENAÇÃO	23
2.2 ALIENAÇÃO.....	29
2.3 ANSIEDADE E ANGÚSTIA	30
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O início do século XX é um período de incessantes transformações em todos os sentidos. Por isso, o historiador Franklin Baumer entende esse período como aquele em que houve a passagem definitiva do ser para o devir. De forma que esses conceitos resumem o movimento de abandono dos absolutos e de profunda crise de sentido. Na qual os indivíduos perderam não apenas a referência com seu passado, mas também a expectativa em relação ao futuro. Restando apenas um presente que lhes era perturbador, a experiência da realidade para os indivíduos da época, na visão do historiador, passou a ser um processo dialético sem fim.

A antiga modernidade, que alicerçava ideais, valores e crenças, foi substituída por essa nova modernidade que “afastou o ser, deixando os homens sem pontos de referência e colocando-os à deriva em um mar infinito de devir.” (BAUMER, 1990, p.167).

Nesse trabalho, a conjectura apresentada será o ponto inicial para compreender mais a fundo o período, a partir do estudo da obra de Fernando Pessoa e da expressão de sua *experiência de mundo*. Dessa forma, buscou-se perceber como os conceitos de ansiedade, de absurdo e de alienação que, segundo Baumer são os grandes definidores da época, se desdobraram em uma vasta obra poética permeada pela crise de sentido. A escolha desses conceitos se justifica porque, para o historiador, nada além dessas três palavras presentes na literatura existencial, expressaram tão bem essa nova mentalidade. Ou melhor, a consciência “de uma perda, a perda da fé na transcendência.” (BAUMER, 1990, p.179) Além disso, destaca-se a perspectiva teórico metodológica que Baumer adota, conforme citação:

Postula uma relação integral entre a verdade, ou a validade, e as origens históricas, de uma ideia. Uma ideia nunca devia ser considerada em abstrato, como se fosse o produto de pensamento *per se*. É-o, em parte, mas é mais. Todas as ideias surgem num ambiente particular e são a inspiração de um momento histórico, que a ideia foi concebida. Assim queremos compreender perfeitamente a ideia, apanhar a sua lógica, temos de a ver, primeiro no seu estado original, na altura em que nasceu e floresceu. Em resumo, toda a ideia tem sua dimensão histórica, e esta dimensão não só ajuda a explicar como surgiu, mas o que é. (BAUMER, 1990, p.294)

Trata-se de compreender o pensamento do poeta português, especialmente em sua condição de testemunho de época. Dessa forma, analisar sua obra poética a partir do desdobramento dos três A's da literatura existencial, permitirá entender como o indivíduo do início do século é afetado pela realidade que o cerca, quer dizer, como o pensamento que investigamos está relacionado com determinados modos de experiência que se define como experiência vivida. Na mesma medida em que Fernando Pessoa relata na sua escrita acerca de

temas que são comuns de sua época, tornando-se possível conhecer mais profundamente sobre o período em questão.

Afinal, o testemunho de uma época indica algo de um ser-no-mundo, de maneira que a posição de sujeito que o poeta assume tem a ver com o mundo com o qual o autor se relaciona, de modo que aquilo que se apresenta no texto não se restringe somente ao texto, mas ao seu pertencimento a época em questão. Nesse sentido, não se objetiva compreender vida e obra de uma forma homogênea, da mesma forma que não cabe nesse trabalho uma interpretação extensa de seu pensamento, tarefa que seria praticamente impossível, se levarmos em consideração a relação entre interpretação e temporalidade.

O recorte temporal de análise se dará entre o final do XIX até os anos 30 do século XX. Considera-se o período de vida do autor estudado (1888-1935), assim como o contexto de passagem para uma nova modernidade que delimitamos segundo a perspectiva de Baumer.

Como se trata de pensar em termos contextuais, alguns outros autores serão mencionados com o objetivo de reforçar o corpo epocal do pensamento de Pessoa, um modo de evocar diferentes autores que, com sua literatura, contribuem para o entendimento do contexto intelectual. Entre eles se destaca Albert Camus, Freud, Nietzsche e Kafka.

Além disso, esse estudo está focado apenas no heterônimo Álvaro de Campos. Tendo em vista não apenas a intenção que Pessoa teve quando o descreveu enquanto “poeta da modernidade, da euforia e do desencanto da modernidade; é o poeta da irreverência total a tudo e a todos” (TUTIKIAN, 2017, p.13). Mas também com o objetivo de definir um recorte metodologicamente viável para a elaboração e delimitação desse trabalho, considerando a vasta obra de Fernando Pessoa.

No primeiro capítulo será conceituado o devir e introduzido os três A's com o auxílio de pensadores da época. Seguido da análise de um dos desdobramentos da característica mais particular de Fernando Pessoa: a heteronímia. Já no capítulo seguinte se dará a análise dos conceitos de ansiedade, de absurdo e de alienação na obra do poeta, divididos em subcapítulos.

A ordem na qual os conceitos se apresentam no trabalho, leva em consideração a premissa de Baumer (1990, p.180) que “a ansiedade e a alienação são sentimentos provocados pelo absurdo”. Por isso, será primeiro aprofundado o universo absurdo, relacionando-o à alienação cósmica. E, o último subcapítulo se deterá aos conceitos de ansiedade e de angústia, visto a recorrência de ambos nos poemas de Álvaro de Campos e de suas aproximações de sentido, fez-se necessário inclui-lo enquanto um desdobramento do terceiro A.

A fonte utilizada é uma obra da companhia das letras da poesia de Álvaro de Campos. Publicada em 2002, com a edição da pesquisadora Teresa Rita Lopes. O volume foi organizado pela estudiosa “atendendo apenas aos elementos que Pessoa fornece, ordenar as peças avulsas de que dispomos, respeitando a integridade de cada uma.” (LOPES, 2002, p.26) Destaca-se que a pesquisadora se utilizou do critério cronológico, considerando o que o próprio Fernando Pessoa ordenou de maneira fictícia posteriormente para ser a obra poética do Engenheiro e que além disso muitos poemas não apresentavam datação. Assim como a autoria de determinadas poesias não foi assinada, ou foi mudada. Há segundo Teresa Lopes esse conflito em saber a quem cada poema corresponde. Por isso, o contexto de intencionalidade autoral para análise e até mesmo a escolha do heterônimo passa por esse critério, como será abordado em seguida.

Vale enfatizar que o objetivo desse trabalho é compreender a experiência de mundo do indivíduo destacando alguns fragmentos de sua obra poética. Por isso, o estudo extensivo tendo em vista os critérios da literatura levaria muito mais tempo do que um trabalho de conclusão de curso propõe, mesmo que a literatura seja uma disciplina fundamental nesse trabalho, pois estará relacionada a história intelectual para aprofundamento de determinadas questões que surgiram ao longo do estudo. Afinal, o autor em questão construiu uma infinidade de estilos e filosofias que podem ser muitas vezes até mesmo contraditórias entre si. Sendo esse um aspecto substancial para compreensão do poeta a partir do devir.

A obra é dividida a partir de duas grandes épocas: antes e depois de Caetano, o heterônimo que é o mestre de Campos. Sendo ainda, a segunda parte dividida em engenheiro sensacionalista (1914-22), engenheiro metafísico (1923-30) e, engenheiro aposentado (1931-35). Além de termos utilizado o acervo digital da obra de Fernando Pessoa disponível no arquivopessoa.net que contém na íntegra diversos textos do poeta que foram fundamentais na elaboração desse trabalho.

Esse caráter de fonte de uma obra poética merece algumas considerações, que vão além dos usos das fontes literárias para a pesquisa em história, uma vez que se trata de obras que moldam nossos modos de representação do mundo e que contém, de certa maneira, dimensões textuais do que pode ser definido como contexto. Ou seja, o contexto é, em parte, textualizado também.

A análise interpretativa da obra, tem como perspectiva as definições do historiador LaCapra em seu texto *Repensar la historia intelectual y leer textos*. Para o autor “la reconstrucción misma de un contexto o una realidad se produce sobre la base de restos textualizados del pasado.” (LaCapra, 1994, p.241) O autor evidencia o problema de

interpretações que domesticam os textos e que os reduzem a aquilo que quem analisa procura ou já sabe acerca do tema, confirmando a relevância de uma obra ou apenas relacionando-a ao contexto. Como contraponto e sugestão para a interpretação de obras, ele apresenta as diferenças entre os aspectos documentais e o conceito de “ser-obra”.

Lo documentario sitúa el texto en términos de dimensiones fácticas o literales que implican la referencia a la realidad empírica y transmiten información sobre ella. El "ser-obra" complementa la realidad empírica con agregados y sustracciones. Implica por lo tanto dimensiones del texto no reductibles a lo documentario, que incluyen de manera preponderante los papeles del compromiso, la interpretación y la imaginación. El ser-obra es crítico y transformador, porque desconstruye y repitiéndolo, pero también trayendo al mundo, en esa variación, modificación o transformación significativa, algo que no existía antes. (LaCAPRA, 1994, p.245-246)

Para o historiador, o carácter documentário relaciona-se com o aspecto performativo de obra-da-obra. “Lo documentario y el ser-obra se refieren a aspectos o componentes del texto que pueden desarrollarse em diferentes grados y relacionarse unos con otros de diversas maneras. (LaCAPRA, 1994, p.246) Uma boa interpretação, é indagativa, busca atrair novos caminhos de investigação, ao mesmo tempo que é crítica e autorreflexiva. Há através da investigação, o manuseio de algo do mundo no mundo, criado e tido através da experiência. Visto que é por meio dos restos textualizados que não apenas se acessa o passado e se cria uma narrativa histórica, mas que se estabelece a relação entre passado e presente.

Por meio dessa problematização da linguagem é que deve ocorrer a contestação de contexto como algo unidimensional ou como o lugar positivo da enunciação, dada a necessidade de demonstrar e não simplesmente assumir e incorporar na pesquisa um modelo explicativo ou uma estrutura de análise já existente. Pois, para o autor apenas o contexto não responde todas as questões que estão entre a leitura e interpretação de obra. “lo que tenemos em el caso de los textos complejos es un conjunto de contextos interactuantes cuyas relaciones mutuas son variables y problemáticas, y cuya relación com el texto que se investiga plantea difíciles cuestiones de interpretación.” (LACAPRA, 1994, p.252)

Dentre os contextos de LaCapra serão fundamentais para esse trabalho a intencionalidade autoral e o corpus textual do autor, bem como elementos sociais no sentido mais abrangente do termo e os próprios outros quatro contextos, mesmo que indiretamente ao analisar a poesia. Pois, essa perspectiva consiste em uma espécie de fenomenologia do mundo que Fernando Pessoa, da mesma forma que o estudo de outros escritores contemporâneos ao

poeta que viveram o mesmo tempo histórico puderam apreender a realidade que está sendo tratada e expressaram em sua escrita a própria experiência de mundo.

O primeiro capítulo desse trabalho está extremamente interconectado com o contexto de corpus textual que LaCapra define, dado que evidencia o problema em estabelecer uma relação entre determinado texto e textos de outros autores. LaCapra, explica que mesmo que em um primeiro momento, esse contexto pareça apenas de natureza textual, ele se divide em diferentes categorias: “continuedad entre textos, discontinuidad ente textos, y síntesis dialéctica.” (LACAPRA, 1994, p.274) Assim sendo, o corpus de análise se unificaria “como un solo texto de mayor escala, porque el texto único puede ser interpretado mediante estas categorías. (LACAPRA,1994, p.274) Dessa forma, o entrelaçamento entre esses contextos e outros autores para o estudo de Pessoa, fundamentam uma análise mais profunda da realidade.

A intencionalidade autoral na perspectiva de LaCapra não poderia se resumir a teoria dos atos da fala, na qual Quentin Skinner resumidamente defende que o historiador deveria deduzir as intenções do autor para a compreensão efetiva do significado de seu texto. “Esta concepción tende a suponer una relación de propiedad entre el autor y el texto, así como un significado unitario para una enunciación.” (LACAPRA,1994, p.253) Afinal, essa perspectiva reduz o leque de possíveis interpretações e caminhos a intenções do autor que podem ser incertas, assim como podem ter sido formadas posteriormente. Dessa forma, se evidenciará em determinados momentos questões que Fernando Pessoa traz acerca da própria obra, mas dialogando com os diferentes níveis de interpretações que sua produção teve ao longo do tempo.

1 O DE VIR E UM “PESSOA” PROBLEMÁTICO

Como já vimos, o triunfo do devir para Franklin Baumer explica um contexto histórico de passagem: de afastamento do ser em todos níveis do intelecto e, principalmente do distanciamento da crença comum entre os homens em um credo estático e positivo. “Nunca antes houvera uma revolução tão radical, no sentido que destruiu (...) quase todos os ídolos que tinham sido construídos com tanto esmero, não só pela Idade Média, mas também nos tempos modernos” (BAUMER, 1990, p.167) De forma que até mesmo o que se pensava acerca do homem e da realidade passaram a ser um enigma em um curto espaço de tempo.

Como exemplo, destaca-se um trecho da obra *O mito de Sísifo* de Albert Camus que ajuda a entender a relação que o indivíduo passa a ter consigo mesmo e com o mundo que experiencia. “O fosso entre a certeza que tenho da minha existência e o conteúdo que tento dar a esta insegurança jamais será superado. Para sempre serei estranho a mim mesmo. Em psicologia, tanto quanto em lógica, há verdades, não uma verdade.” (CAMUS, 2002, p.32). Esse movimento que desestabilizou o que o ser humano sabia acerca do próprio mundo, suas normas e crenças, deteriorou principalmente a maneira como via a si mesmo.

A partir do pensamento de Camus acerca de si, sua existência beira a indefinição, de forma que passou a ter uma relação diferente com a verdade, na medida em que não conseguia se reconhecer. Em outras palavras, a citação representa o sintoma no qual o indivíduo não consegue mais se compreender a partir de um único fundamento, pois passou a existir a possibilidade de se reconhecer por meio de algo que não é propriamente uma unidade.

Por isso que o historiador Frankelin Baumer entende que o “O homem tornou-se problemático e não apenas bom, mau ou indiferente como nos debates passados. O universo tornou-se misterioso, difícil de compreender ou decifrar e a natureza tornou-se longínqua.” (BAUMER, 1977, p.175) Dessa forma, tanto a literatura quanto as artes enquanto meios de expressão de como a realidade se apresentava para os indivíduos do início do século, o concreto se esfacelava em múltiplas possibilidades que o presente, o futuro e a própria natureza do homem poderiam expressar.

Como até então a racionalidade do homem era tida como a responsável pelo progresso, a guerra gerou uma quebra nesse paradigma e na ideia da evolução linear da humanidade. Tanto que as filosofias da história e a própria história começaram a serem revisitadas e teceram novas abordagens teóricas. Além disso, foi esse desconforto acerca da natureza do homem e da civilização que propiciou a criação de uma literatura fértil e novos estudos, como a psicanálise, para responder essas indagações.

A exemplo dessas pontuações destaca-se o pensamento de Freud, neurologista e psiquiatra que mais influenciou o estudo acerca da mente humana, além de ser considerado por muitos como pai da psicanálise. Sua teoria evidenciava a herança instintiva do homem, enquanto uma luta perpétua entre os impulsos mais básicos, ao mesmo tempo agressivos e destrutivos. Portanto, para ele a sociedade estava ameaçada pela desintegração, visto que defendia que paixões indomáveis, primitivas e irracionais são o que substanciam o mal estar na civilização na sociedade moderna.

Assim sendo, percebe-se que a crença na cumulatividade da experiência histórica será um tema recorrente para compreender a expressão dessa época. E, no caso do presente trabalho nota-se que está relacionada a maneira que o indivíduo passa a se enxergar.

Portanto, o devir nesse início de século representou uma catastrófica crise de valores no âmbito do pensamento pelo esfacelamento da ideia de progresso da humanidade, avanço tecnológico, também por conta do impacto que a Grande Guerra causou no mundo fático e intelectual. Afinal, o rumo da humanidade parecia permeado de muitas incertezas no mundo no qual para Ortega (BAUMER, 1977, p.168) era “escandalosamente temporário”, e ao mesmo tempo decadente e criativo, de revolução e de crise.

Outro psiquiatra viu os modelos e as ideias que se tinham tornado a sua segunda natureza, desvanecerem-se no rescaldo da guerra. <<Tal como a maioria dos observadores europeus destes anos acidentados, vi que uma época cultural estava num processo de dissolução>>. O que Franz Alexander viu sofrer um desgaste foram precisamente as pressuposições da <<antiga>> modernidade: fé na ciência, na racionalidade humana e no desenvolvimento gradual da raça humana. (BAUMER, 1977, p.170)

Essa dissolução na qual o autor se refere ao declínio da antiga modernidade que alicerçava por meio da cumulatividade da experiência histórica, crenças e valores. Cenário que acaba deixando o ser humano à deriva, em um devir confrontando-se consigo mesmo, em um contexto que apontava apenas para a irracionalidade, devido os rumos da civilização. O filósofo Ricardo Timm de Souza escreve sobre esse movimento do século XX em seu livro *Totalidade e Desagregação*.

Nunca na história, como neste momento, revoluções científicas (em sentido próximo ao de Kuhn) se imbricaram de forma tão densa, a ponto de impedirem a visão de unidade: apenas o movimento era visível. Tanto no macrocosmo galáctico como no microcosmo subatômico as verdades são incisivamente relativizadas, sem esperanças de conciliação com o bem-ordenado mundo passado. Na indefinição entre onda e partícula estava muito mais do que uma quarela científica parcial: a própria noção de ciência, tal como a tradição a ditava, colocava-se também em questão. (SOUZA, 1996, p.20)

Segundo o autor, cânones estéticos e padrões dão lugar à uma variedade de escolas, estilos e concepções. Expressaram a decadência da sociedade e “na literatura o exemplo de Kafka é suficiente para a percepção da fragmentação de um mundo”. (SOUZA, 1996, p.21) Esse processo de fragmentação do pensamento sugere uma grave desagregação, no sentido de crise, e de inquietação para os espíritos sensíveis. “Todos os filósofos da época percebem uma atmosfera de desconforto, de perigo, de desinstalação.” (SOUZA, 1996, p.23)

Nesse movimento que Baumer resume e define enquanto devir, estão sistematizados em três conceitos: a ansiedade, o absurdo e a alienação, pois eles sintetizam essa nova mentalidade difícil de se descrever de uma forma completa. Representam em resumo, a perda da fé na transcendência e ajudam a esquematizar o problema do mundo vivido por esses autores que é expressado através da linguagem.

O primeiro A que será abordado é o absurdo. Esse conceito representava “o tipo de universo onde se julgavam os homens; desprovido de sentido, pelo menos para o homem; sem ser ou essência; em qualquer caso, irracional e incompreensível.” (MALRAUX apud BAUMER, 1990, p.179) O termo abarca a ideia de vida desprovida de sentido e sem valores, afinal como foi visto, esse é o primeiro período na história da humanidade no qual não se encontrava qualquer padrão no passado, causando um sentimento de perda e de insegurança nos indivíduos.

Um dos autores mais famosos do período por descrever acerca do absurdo é Albert Camus. Em seu livro *O mito de Sísifo*, elabora um ensaio no qual para ele o ser humano vive em busca de sua essência e do sentido em um mundo que lhe é desconexo, inteligível e também desprovido de Deus, no sentido de ser desprovido de uma fé. Para Souza (1996, p.26) “Camus eleva ao nível de categoria filosófica aquilo contra o que a filosofia mais tinha lutado, em termos contraceptuais, até então, o absurdo, que é o mesmo absurdo que advém entre a desorientação e a falência real de uma confiança, na totalidade da guerra.”

Segundo Camus (2020, p.29) o absurdo é “esse mal-estar diante da desumanidade do próprio homem, essa incalculável queda diante daquilo que somos, essa “náusea”, como diz um autor dos nossos dias, é também o absurdo.” Trata-se de uma estranheza acerca de si mesmo e do conhecimento. É preciso desistir de tentar conhecer porque segundo o autor, se estabelecem uma infinidade de clarões e dessa forma o mundo se racha e desmorona. Demonstrando que se trata de uma condição humana estabelecida através da relação entre indivíduo e mundo.

Outros exemplos que encontramos na literatura existencial e que auxiliam na compreensão do absurdo é a obra Kafka. Como exemplo, na primeira frase do romance metamorfose “Numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, Gregório Samsa deu por si na cama transformado num gigantesco inseto” (KAFKA, 2019, p.31). Outro exemplo, é a descrição de uma criatura chamada de Odradek em um conto pelo autor.

Naturalmente ninguém se ocuparia de estudos como esses se de fato não existisse um ser que se chama Odradek. A primeira vista ele tem o aspecto de um carretel de linha achatado e em forma de estrela, e com efeito parece também revestido de fios; de qualquer modo devem ser só pedaços de linha rebentados, velhos, atados uns aos outros, além de emaranhados e de tipo e cor os mais diversos. Não é contudo apenas um carretel, pois do centro da estrela sai uma varetinha e nela se encaixa depois uma outra, em ângulo reto. Com a ajuda desta última vareta de um lado e de um dos raios da estrela do outro, o conjunto é capaz de permanecer em pé como se estivesse sobre duas pernas. (KAFKA, 1994, p.41)

Em ambos dos casos, e em outras obras do autor, ele ambienta sua narrativa partindo desse mundo absurdo que se busca definir. Se antes Gregório, um homem, fazia parte da lógica de um mundo normal, estruturado. Agora, a metamorfose revela esse sentimento de um indivíduo moderno envolto pelo absurdo existencial. Além disso, percebe-se na narrativa como novamente o absurdo se coloca enquanto uma condição à qual o indivíduo não se pode fugir, no aspecto literal. Aquela é única realidade ou como Camus escreve acerca do enredo para compreensão do absurdo em *Metamorfose*, o conceito

representa certamente a terrível iconografia de uma ética da lucidez. Mas é também produto do assombro incalculável que o homem experimenta ao sentir o animal em que ele se transforma sem muito esforço. Nessa ambiguidade fundamental reside o segredo de Kafka. Essas vacilações perpétuas entre o natural e o extraordinário, o indivíduo e o universal, o trágico e o cotidiano, o absurdo e o lógico se apresentam ao longo de toda a sua obra e lhe dão ao mesmo tempo sua ressonância e sua significação. São paradoxos que é preciso enumerar, contradições que é preciso reforçar para compreender a obra absurda. (CAMUS, 2020, p.128)

Isto é, esse transformar-se revela o desespero, ainda que em sua narrativa o autor consiga transmitir com naturalidade. Kafka consegue transmitir o absurdo existencial através da materialização de situações absurdas, que fogem da normalidade, em sua narrativa. Outro exemplo que traz à luz de sua discussão é *o processo*. Nesse romance, ele conta a história de Josef K que ao acordar que é processado por um crime não especificado na obra.

Por um paradoxo singular, mas evidente, quanto mais extraordinárias forem as aventuras do personagem, mais perceptível será a naturalidade do relato: ela é

proporcional à distância que se pode sentir entre a estranheza da vida de um homem e a simplicidade com que este homem a aceita. Parece que esta é a naturalidade de Kafka. E, justamente, nota-se com clareza o que *O processo* quer dizer. Falou-se de uma imagem da condição humana. Sem dúvida. Mas é ao mesmo tempo mais simples e mais complicado. Quero dizer que o sentido do romance é mais particular e mais pessoal de Kafka. Em certa medida é ele quem fala, embora confesse que fomos nós. Ele vive e é condenado. Sabe nas primeiras páginas do romance que continua neste mundo e, e por mais que tente remediar isso, não terá nenhuma surpresa. Nunca se assombrará o suficientemente dessa falta de assombro. Em tais contradições em é que se reconhecem os primeiros sinais da obra absurda. O espírito projeta no concreto sua tragédia espiritual. E só pode fazê-lo por meio de um paradoxo perpétuo que dá às cores o poder de expressar o vazio e aos gestos cotidianos a força de traduzir as ambições eternas. (CAMUS, 2020, p.128)

Dessa forma, pode-se definir que o absurdo, em suma, significou a falta de sentido da vida, ligada a desintegração e de estranheza na relação que esses autores estabeleceram com o mundo que os cercava. A partir dessa interpretação e trazendo a luz o entendimento de Camus e Kafka, observa-se uma compreensão mais profunda do que significou o absurdo para esses autores no começo do século XX e de como o conceito pode ter sido expressado na obra de Fernando Pessoa tendo em vista esse campo de interpretação.

No universo absurdo surge o sentimento de estar alienado. Esse conceito revela um nível cósmico, pois trata-se de um estado permanente ligado a liberdade do homem. “Embora desse ao homem liberdade (liberdade de qualquer espécie de liberdade) o condenava a viver como um estranho em um universo indiferente” (BAUMER, 1990, p.180)

É através do conceito de liberdade de Sartre que será definido o sentido que passa a ser atribuído a alienação por Baumer. A liberdade em um universo absurdo, em devir, provocou no indivíduo um sentimento de abandono. Por isso, se evidencia a perspectiva de Sartre para compreender a alienação em um nível cósmico, o indivíduo está em desilusão em relação ao universo, encontra-se sozinho em todos os níveis.

Para definir o terceiro A que será abordado, será apresentada a compreensão que Paul Tillich desenvolve no livro *A coragem de ser* acerca do conceito de ansiedade. Segundo o autor, ele “é o estado em que o ser está consciente do seu possível não ser” (TILLICH, 1976, p.30) Por isso, a ansiedade traduz o estado de estar consciente da possibilidade de sua própria finitude. Além disso, na perspectiva de Tillich análises sociológicas demonstram esse sintoma como um fenômeno de grupo, não à toa se pensa o século XX como o início da era da ansiedade. Inclusive, É possível analisar esse conceito considerando as implicações filosóficas de Nietzsche e sua declarada morte de Deus.

O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. ‘Para onde foi Deus?’, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos

seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos nós, ao desatar a terra de seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? ... Não vagamos como que através de um nada infinito? ... Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! Nós o matamos. (NIETZSCHE, 2001, p.64-65)

O termo ficou conhecido na história do pensamento ocidental com a obra a Gaia Ciência de Nietzsche, a partir do aforismo da citação anterior, na qual destaca a morte de Deus, que significaria a morte dos grandes fundamentos¹. Inclusive, verifica-se que a morte dos grandes fundamentos aparece não somente na poesia que estamos observando, mas também em outros textos de Fernando Pessoa que são também aforismáticos. “Não posso aceitar Jeová, nem a humanidade. Cristo e o progresso são para mim mitos do mesmo mundo. Não creio na Virgem Maria, nem na eletricidade” (PESSOA, 2006, p.22)

Além disso, é necessário destacar que a ansiedade não tem um objetivo definido ou uma causa mensurável a ponto de poder ser combatida, segundo Tillich. É inclusive neste ponto em que o autor a distingue do medo, entendendo-a enquanto existencial. Da mesma forma como os outros conceitos foram apresentados, eles se colocam na vida desses indivíduos como uma condição da realidade. A ansiedade nem mesmo pode ser tangível, segundo o autor:

A ansiedade não tem objeto, ou melhor, numa frase paradoxal, seu objeto é a negação de todo objeto. Portanto participação, luta e amor em relação a ela são impossíveis. Aquele que está em ansiedade está, tanto quanto é mera ansiedade, entregue a ela sem apelação. O desamparo no estado de ansiedade pode ser observado da mesma forma em animais e humanos. Expressa-se pela perda de direção, reações inadequadas, falta de "intencionalidade" (o ser relacionado com conteúdos significantes de conhecimento ou vontade). A razão deste comportamento às vezes surpreendente é a falta de um objeto no qual o sujeito (um estado de ansiedade) possa concentrar-se. O único objeto é a própria ameaça, mas não a fonte da ameaça, porque a fonte da ameaça é o "nada". (TILLICH, 1976, p.31)

Ainda sob essa perspectiva o conceito está relacionado a compreensão que o autor tem de não-ser, coragem de ser e de desespero. Nesse sentido, para ele a literatura do século XX expressa a coragem, pois estava voltada a manifestar a ausência de sentido através da angústia e da desesperada coragem de ser – enquanto uma atitude de autoafirmação, uma coragem de desespero. Esse elemento em conjunto com os outros passam a ser uma circunstância inegociável à vida, novamente como um aspecto da realidade a qual não se poderia fugir.

¹ O conceito será abordado mais profundamente no capítulo de análise dos conceitos, se fazendo fundamental para a interpretação de excertos da obra de Fernando Pessoa.

Voltando à obra de Albert Camus, o autor assim como outros existencialistas contemporâneos a ele, pensa que o mundo, de certa maneira, se configura a partir de uma percepção que em parte é relativa ao universo indizível, contraditório de angústia e impotência. Dessa forma, o escritor interconecta os desdobramentos do conceito de absurdo, colocando-os em relação à ansiedade e alienação. De acordo com Camus (2002, p.36)

Heidegger considera friamente a condição humana e anuncia que esta existência é humilhada. A única realidade é a “inquietação” em toda a escala dos seres. Para o homem perdido no mundo e suas distrações, tal cuidado é um breve e fugidivo medo. Mas, mas eis que esse medo toma consciência de si mesmo e torna-se angústia, ambiente perpétuo do homem lúcido “no qual se reencontra a existência”. (...) “o caráter finito e limitado da existência humana é mais primordial que o próprio homem.

No decorrer da leitura da obra de Fernando Pessoa e de outros autores da época, percebeu-se a necessidade de incluir o conceito de angústia, devido sua recorrência e similaridade com o último A abordado. Estará sendo estendida a interpretação tendo em vista a associação que se pode fazer do conceito ao devir e a aura de desespero. Seu conteúdo auxilia na concepção da experiência de mundo do poeta. Mesmo que a ansiedade não tenha um objeto determinado enquanto que a angústia é sempre em relação a alguma coisa. É essa similaridade e ao mesmo tempo diferença, que possibilita uma leitura mais completa da poesia de Álvaro de Campos. Para Camus, a angústia chega a ultrapassar as categorias do raciocínio, do caráter finito e limitado da natureza humana, como verificou-se na citação anterior.

Esses conceitos desenvolvem a centralidade de uma importante questão de fundo: o homem problemático. Dentre as respostas que os autores do século XX trouxeram segundo Baumer, destaca-se para a discussão Cassier, Huxley e Buder. “Já não havia uma energia central, teologia, metafísica, ciência ou qualquer outra coisa capaz de fornecer uma estrutura de referência, à qual as diferenças de pontos de vista, inevitáveis a qualquer caso pudessem ser reportadas.” (CASSIER, apud BAUMER, 1990, p.184) Enquanto que para Huxley, surgiram diferentes abordagens com novas respostas a questão, como o darwinismo e a psicanálise, em um curto espaço de tempo.

Tendo em vista esses apontamentos, é importante ressaltar que o problema antropológico se refere a perda da imagem tradicional do universo. Entende-se a partir da leitura que Baumer constrói acerca do termo que o indivíduo se sente desamparado, só e problemático para si próprio, tendo em vista a decadência das formas orgânicas de comunidade.

Essa proposição na obra de Franklin Baumer se desdobra em três grandes temas: o relativismo quanto à natureza humana, a desvalorização de si próprio e ao desespero epistemológico. O relativismo sugere que não existe uma natureza humana fixa, efeito do condicionamento histórico e cultural do ego humano e da personalidade, pois são sujeitos a uma plasticidade infinita. Dessa forma, a essência do homem varia de acordo com a educação, tempo, lugar e cultura. Esses estudos tinham predominância da sociologia e acabariam abalando o antigo ideal de natureza fixa.

A procura pela natureza básica do homem seguiu uma resposta relativista por Mollberg “O homem fundamental é um mito” (MOLLBERG, apud BAUMER, 1990, p.188) De forma que diferentes autores passaram a compreender a natureza do indivíduo como fruto da cultura. Essas definições conseqüentemente poderiam seguir um rumo otimista ou pessimista, que abre espaço para abordar o segundo ponto que trata da desvalorização de si próprio. “O ponto não é saber o que o homem é, mas não gostar ou denegrir o que vê.” (BAUMER, 1990, p.191)

Com o objetivo de exemplificar essa característica do homem moderno de pensar negativamente a si próprio o historiador cita o livro *o homem sem qualidades* de Musil. O anti-herói vive em um mundo desordenado, tornando-se sem qualidades e incoerente pois absorve passivamente do ambiente. Ao longo do XX essa visão na literatura da maldade do homem e de sua irracionalidade, apontaria para uma visão não-heroica, desumana e destrutiva.

Envolta na maneira em como o indivíduo passou a se compreender, está por fim o desespero epistemológico. “O homem olha para um espelho e vê refletido um estranho – ou tantas faces que fica completamente confuso” (BAUMER, 1990, p.187) Esse desdobramento da procura por si será abordado a partir da literatura de Fernando Pessoa, pois com os heterônimos conseguimos perceber como se materializava a dificuldade em se definir, em descobrir quem se é nessa nova configuração de mundo.

1.2 A MULTIPLICIDADE DO SER EM FERNANDO PESSOA: A HETERONÍMIA PARA COMPREENSÃO DO SUJEITO MODERNO

O desespero epistemológico é apresentado por Franklin Baumer como uma das características do século XX. Pois, “significava o desespero em descobrir de uma vez quem é o homem.” (BAUMER, 1990, p.185) Para os indivíduos deste século, o desespero em se definir aparece tanto atrelado a essa nova natureza do homem quanto ao universo absurdo,

ambos apresentamos no início do capítulo. Esse eterno contexto de “tornar-se” no qual estavam inseridos refletia a crise do conhecimento, principalmente de si mesmos. O desespero está diretamente relacionado com o problema da alienação, afinal de contas, a alienação implica em um desconhecer a si mesmo, um estranhamento que não é somente em relação à sociedade ou ao processo produtivo no trabalho, mas que está em um nível cósmico. Visto que o termo passou a representar um estranhamento que é derivado da dificuldade de se situar no mundo em que vive.

Para explicar esse processo pode-se citar o que Baumer (1990, p.189) traz acerca do pensamento de Prost: “as pessoas não se compreendem a si próprias nem às outras, e isto porque as personalidades eram múltiplas e mudavam continuamente, criando fachadas falsas.” Nesse sentido, foi percebido na obra de Fernando Pessoa esse processo a partir do que estudiosos definem como desespero epistemológico. Na ânsia em se definir e na tentativa de abarcar a tudo e a todos, precisou se multiplicar. E, para elucidar essa característica de sua criação, cita-se uma carta disponível online no *Arquivo Pessoa*, na qual escreve a Adolfo Casais Monteiro quase ao final de sua vida.

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a gênese dos meus heterônimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente. Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterônimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurastênico. Tendo para esta segunda hipótese, porque á em mim fenômenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registro dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterônimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenômenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contato com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. (Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13 de janeiro de 1935)

A heteronímia foi um movimento no qual Fernando Pessoa criava história, vida, morte, ambições, mapas astrais... enfim, tudo a fim de dar vida a diferentes escritores que falavam através dele próprio, em um processo de fragmentação psicológica. Até hoje são encontrados heterônimos conforme avançam as pesquisas acerca de vida e obra do poeta português, sendo os mais famosos na literatura universal são: Álvaro de campos, Caeiro e o semi-heterónimo Bernardo Soares.

Além disso, há diálogos entre esses diferentes escritores, até em forma de cartas contrapondo opiniões, teorias e ideias. Pois através de suas diferentes trajetórias expressavam diversas épocas, histórias, filosofias, estilos literários, na escrita. Cada heterónimo tinha uma cosmovisão muito própria do mundo. Ou simplesmente, expressava um prisma muito

particular dessa realidade que se colocava para Fernando Pessoa tão multifacetada. Como exemplo, entre os heterônimos está Caeiro que era o mestre, enquanto poeta da natureza era o único capaz de conhecer a verdade, segundo poemas de Álvaro de Campos.

Na mesma carta à Casais Monteiro, o poeta ressalta que a escrita de um poema de Álvaro de Campos ocorre como se estivesse falando consigo. Na impossibilidade de lidar com tantos, dava-lhes vida dando-lhes voz em sua escrita. Ele também ressalta sobre o dia que “nasceram” alguns dos principais heterônimos e com eles alguns dos poemas mais conhecidos de Pessoa.

Foi o dia mais triunfal de minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, o guardador de rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei o nome desde logo de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim, o meu mestre. Foi a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, (...) num jato, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a ode com esse nome e o homem com o nome que tem. Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independente de mim E parece que assim ainda se passa. (...) Eu vejo independente de mim, no espaço incolor, mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. (Carta a Casais Monteiro, 13 de janeiro de 1935)

Conseqüentemente, a escolha por Álvaro de Campos não é por acaso. Fernando Pessoa demonstra nessa passagem o quanto a ideia de heterônimos tem a ver com uma espécie de perda de si, de uma referência enquanto sujeito absoluto, isto é, do indivíduo enquanto fundamento do conhecimento. Mesmo que não trate de uma alienação cósmica, pois o poeta não diz que é outro sujeito, mas que há sujeitos dentro de si. Essa espécie de multiplicidade que demonstra mais uma vez a perda de referências, implica em um certo deslocamento. Pessoa mostra com essa passagem que ele mesmo não consegue o fixar enquanto sujeito do conhecimento. Há na verdade vários sujeitos, refletindo na fragmentação do indivíduo que é também um grande ícone da modernidade.

A questão do indivíduo é fundamental e aqui especialmente trata do sujeito do conhecimento. Esse que passa a ser fragmentado, disperso, que não se encontra na origem do próprio pensamento. Afinal, na origem do pensamento está o diverso e o diverso é de certa maneira uma espécie de alienação, no sentido que demonstra o deslocamento de si mesmo.

Ainda nessa carta para Monteiro, Pessoa afirma que escrevia por Álvaro de Campos, “quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê”. Além disso, como vimos na

citação acima dá à Campos a assinatura ao poema *Ode Triunfal*, poema que mais tarde inaugura o movimento moderno em Portugal através da revista *Orpheu*.

Tanto na heteronomia de Pessoa quanto no poema citado por Baumer de Arnold, encontra-se a “expansão da multiplicidade até seu próprio espírito individual” (BAUMER, 1990, p.14). Refletida no mundo em vários âmbitos, o devir se desdobra no poeta em seus diferentes “Eu’s” cada um, intencionalmente, seguindo uma personalidade e estilo literário.

E eu o complexo, eu o numeroso
 Eu a saturnália de todas as possibilidades,
 Eu o quebrar do dique de todas as personalizações,
 Eu o excessivo, eu o sucessivo, eu o []
 Eu o prolixo até de continências e paragens,
 Eu que tenho vivido através do meu sangue e dos meus nervos
 Todas as sensibilidades correspondentes a todas as metafísicas. (PESSOA, 2002, p.198)

Nessa desesperança em se definir, fez com que ele se repartisse: dividiu-se para se multiplicar e abarcar diferentes definições. Trata-se da mesma “multiplicidade sem precedentes” da qual Baumer (1990, p.16) se refere para caracterizar toda sintomática de mundo no qual estavam vivendo. E que se estende também ao ser e as questões relacionadas ao conceito de homem problemático que foi abordado no capítulo anterior. Esse trecho expressa como o relativismo privou o indivíduo do século XX de tradição e até mesmo direção, da mesma forma que representa o próprio conceito de devir.

Ao multiplicar-se em diferentes heterônimos, são constituídos meios diferentes de conhecer o real através de cosmovisões arquetípicas. Segundo Massaud (2011, p.334) a partir destas cosmovisões particulares pretende-se chegar à verdade, que como vimos já não é mais absoluta. Também se observa como alternativas e até mesmo tentativas para conhecer ou definir a nova modernidade que se coloca como indecifrável. No poema passagem das horas pode-se perceber como isto se manifesta na obra analisada.

Todas as sensações me tomam e nenhuma fica.
 Sou mais variado que a multidão de acaso,
 Sou mais diverso que o universo espontâneo
 Todas as épocas me pertencem um momento,
 Todas as almas um momento tiveram seu lugar em mim.
 Fluido de instituições, rio de supor – mas, [...] (CAMPOS, 2002, p.247)

Assim como Fernando Pessoa, “muitas das figuras mais conhecidas da literatura europeia contemporânea escreveram desesperadamente [...] sobre um ego com tendência para desaparecer, um ego incoerente, um ego decentralizado, um ego que possivelmente nem

sequer existe. (BAUMER, 1990, p.186) Nesse sentido, o poeta português conseguiu expressar uma forma de devir de maneira única na literatura do século XX. Foi capaz de criar diferentes egos com o objetivo de conhecer o real e simplesmente proporcionou espaço a diferentes perspectivas a realidade que se mostravam e que assim como o poeta, agora era multifacetada.

2 O MUNDO DO ABSURDO, DA ANGÚSTIA E DA ALIENAÇÃO

Ainda que o conceito de absurdo tenha se desenvolvido no contexto posterior ao período que estamos tomando como foco de análise, especialmente quando se refere ao pensamento de Albert Camus e de Sartre, suas perspectivas serão fundamentais para o estudo da obra de Fernando Pessoa. Visto que serão um caminho de interpretação e de fundamentação teórica do absurdo, pois esses pensadores definiram e abordaram seu conteúdo de maneira sistemática em suas obras. Identifica-se o universo absurdo, assim como a alienação no seguinte poema:

Uma coisa deixa de ser o que é
absolutamente
Ou pecam de vida os nossos olhos e os nossos ouvidos
E a nossa consciência exterior do Universo?
Onde está o meu passado?
Em que baú o guardou Deus que não sei dar com ele?
Quando o revejo em mim, onde é que estou vendo?
Tudo isto deve ter um sentido – talvez muito simples –
Mas por mais que pense não atino nele (CAMPOS, 2002, p.102)

Nota-se que ser e consciência não podem ser atingidos nesse trecho. Além disso, a impossibilidade de conhecer o real aparece novamente atrelada ao passado e a si, um dos fundamentos da perda de sentido. Quando escreve que uma coisa deixa de ser absolutamente, escreve acerca do triunfo do devir, em um mundo dinâmico no qual não se alicerça mais nas concepções do passado. Pois trata-se da crise de sentido histórico, do rompimento das experiências passadas que, no presente, aprofunda a alienação cósmica e a ansiedade em não saber como se orientar, pois a referência não está mais no campo de experiências cumulativo.

Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e barcos de madeira,
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!
Porque os mares antigos são a distância absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso do Actual...
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.
Esses mares misteriosos porque se sabia menos deles. (CAMPOS, 2002, p.112)

Se para Baumer e outros historiadores no século XIX observa-se o reflexo em diferentes pensadores de não haver mais um consenso acerca do pensamento moderno. Outro reflexo que culminou nessa desorientação em relação ao passado do sujeito histórico é o

fenômeno em que a comunidade Europa² “desfazia-se agora em unidades nacionais febrilmente conscientes de si próprias. As próprias nações, ao não conseguirem a unidade desejada pelos superpatriotas, fragmentavam-se em grupos sociais hostis.” (BAUMER, 1990, p.15)

Penso e, e todo o enigma do universo repassa-me.
 Revejo aquilo [o passado, a morte da tia] na imaginação com tal realidade
 Que depois, quando penso que aquilo acabou
 E que ela está morta,
 Encaro com o mistério mais palidamente
 Vejo-o mais escuro, mais impiedoso, mais longínquo
 E nem choro, de atento que estou ao terror da vida (CAMPOS, 2002, p.194)

Esse trecho relaciona a morte da tia ao passado, de forma que se pode perceber como a referência com seu passado, sua origem está atrelada a morte. Tanto que até mesmo a civilização é atrelada a reminiscência, sua lembrança é vaga e incompleta. Não se trata apenas de uma ruptura epistemológica desse *eu* em relação a *sua* história, mas na verdade do rompimento da crença do desenvolvimento da humanidade.

O passado se desdobra até o presente perturbador que lhe é a vida. Para Baumer (1977, p.169) “1914 originou um verdadeiro abismo, não só entre as gerações, mas também no modo como muitos homens mais velhos, nascidos no século XIX, começaram daí em diante a pensar nas coisas.” Esse sentimento que não foi provocado apenas com o início da guerra, revela um problema comum da época que será abordado no próximo poema.

A náusea de ser contemporâneo de mim mesmo –
 E a ânsia de novo novo, de certo verdadeiro,
 De fonte, de começo, de origem. (CAMPOS, 2002, p.222)

Na passagem o eu lírico é contemporâneo de si mesmo, visto que não encontra referências para si em seu passado, da mesma forma que nos poemas já citados. Enquanto que a fonte representa o problema da origem, pois evidencia a busca por uma espécie de fundamento único que possa apreender a dinâmica do real, da vida. Tomamos novamente a morte de Deus que o filósofo Nietzsche traz nesse período para representar a morte dos grandes fundamentos. O indivíduo do século XX encontra-se imerso em um mundo disperso, sem bases sólidas. Fosse antes, esse fundamento religioso, científico ou da própria ideia de civilização e até mesmo da história.

² Conceito de Edmund Burke. (BAUMER, 1990, p.15)

Pode-se também relacionar o trecho à carta que Pessoa escreve a seu amigo Adolfo Casais Monteiro, citada anteriormente, pois da mesma forma não há evidência de origem. A origem é o múltiplo do autor. Essas vozes, emanam dele mesmo, da dispersão que ocorre em si. De certa maneira, além de demonstrar a alienação, vislumbra-se com ela uma angústia. Uma ânsia de fonte, de origem, de começo.

A morte de deus, enquanto uma alegoria dos grandes fundamentos revela que não há uma origem, ou, basicamente aquilo que poderia ser a origem se esfacela na própria inesgotabilidade de fonte. A temporalidade para Nietzsche é colocada em um sentido radical, demonstrando que o passado não representa mais uma unidade, pois além de ser mistério, é também algo multifacetado.

Esse sintoma além de refletir a perda de referências com o passado, auxilia na compreensão da irredutibilidade do devir. “Para o europeu moderno, já não existe nada de permanente na vida; os valores desaparecem, foi deixado frente a frente ao absurdo.” (BAUMER, 1990, p.179). E isso, além de representar estar frente a frente apenas consigo, como se perceberá no próximo poema, reforça a ruptura entre as gerações. Visto que tornando-se mais evidente a ruptura em relação a normas, crenças, convicções acerca da vida.

Os antigos invocavam musas
 Nós invocamo-nos a nós mesmos.
 Não sei se as musas apareciam – [...]
 Mas nós não aparecemos. [...]
 Lá na inutilidade do fundo.
 Nenhum eco para mim...
 Só vagamente uma cara, que deve ser a minha porque não pode ser de outro, [...]
 (CAMPOS, 2002, p.485)

Outro reflexo que pode ser ressaltado é o próprio movimento moderno na literatura. Que surge em forma de crítica aos padrões estéticos e normas do passado, não ocorrendo apenas nessa área, mas nas formas de manifestações artísticas de maneira geral. Tanto que até mesmo a distinção que o historiador Baumer faz entre ser e devir, se torna evidente no poema acima. O ser que corresponde a uma crença irredutível e absoluta característica das gerações passadas, que alicerçaram umas às outras, no sentido de cumulatividade do tempo histórico, que foi representada por *antigos*. Enquanto que o tempo do eu-lírico, o devir, corresponde a um grito sem eco em um universo indiferente e sem referência, a geração anterior.

Até porque a cumulatividade da experiência histórica, não livrou o homem da própria irracionalidade, sentimento que se percebe a partir da leitura da poesia de Álvaro de Campos. A história da humanidade, refletiu no maior confronto bélico, envolvendo não apenas

diferentes nações, mas ocorrendo em seus próprios territórios. O terror da guerra destruiu, além de pessoas e nações, a esperança na própria humanidade do homem. “A nossa civilização não pertence à minha reminiscência” (CAMPOS, 2002, p.104)

A experiência da guerra como afirma Baumer, fazendo uma análise do pensamento de Freud, acabou com sua esperança acerca do progresso da civilização. “Resumindo a guerra tirou as últimas ilusões que Freud pudesse ainda ter sobre o homem racional; revelou de um modo perfeitamente claro, a natureza primitiva do homem.” (Baumer, 1990, p.170) E como será demonstrado no próximo trecho, é esse homem irracional, primitivo, de natureza destrutiva que aparece na literatura dos autores do século que passa a ser a sua própria referência.

Embora a sintomática da guerra não seja a única definidora para a consciência desse universo absurdo e da experiência de finitude, as consequências da guerra no psicologismo humano deixaram marcas irremediáveis. No poema seguinte, vislumbramos não apenas o absurdo, mas também os outros A's associados à guerra de maneira literal. Isto é, esse excerto apresenta uma síntese dos problemas da experiência de mundo de Fernando Pessoa.

Na distância, no futuro, na angústia – não se sabe onde - ?
 [..]
 Vêm do fundo do mundo,
 Vem do abismo das coisas,
 [...]
 Ruído longínquo e próximo não sei porquê
 Da guerra europeia... Ruído de universo de catástrofe...
 Que vai morrer para além de onde ouvimos e vemos?
 Ao destino das nações?
 [...]
 Clarins na noite, desmaiado... Ó Mistério
 Que se está formando lá fora, na Europa, no Império...
 Trofel vários de raças inimigas que se chocam
 Mais profundamente do que seus exércitos e suas esquadras,
 Mais realmente do que homem contra homem e nação contra nação...

Clarins de horror trémulo e frio na noite profunda...
 E o quê?... Tambores para além do mistério do mundo [...]
 Ah, porque se armam de lágrimas absurdas os olhos
 E que dor é esta, do antigo e do actual e do futuro,
 [...]
 Sabeis e vedes que a terra treme sob os passos dos exércitos,

A guerra, a guerra, a guerra realmente.
 Excessivamente aqui, horror, a guerra real...
 Com a sua realidade de gente que vive realmente,
 Com a sua estratégia realmente aplicada a exércitos mais compostos de gente real

E as suas consequências, não coisas contadas em livros,
 Mas frias verdades, de estragos realmente humanos, mortes de quem morreu, na verdade,
 E o sol também real sobre a terra também real
 Reais em acto e a mesma merda no meio disto tudo!

Verdade de perigo, dos mortos, dos doentes e das violações,
 E os sons florescem nos gritos misteriosamente...
 A gaiola do canário à tua janela, Maria,
 E o sussurro suave da água que gorgoleja no tanque...

O corpo... E os outros corpos não muito diferentes deste,
 A morte... E o contrário disto tudo é a vida...
 Dói-me a alma e não compreendo...
 Custa-me a acreditar no que existe...
 Pálido e perturbado, não me mexo e sofro.
 [...]
 E tudo é uma poeira incerta, uma nuvem de gente anónima
 [...]
 A Guerra!
 Desfilam diante de mim as civilizações guerreiras...
 As civilizações de todos os tempos e lugares...
 Num panorama confuso e lúcido,
 [...]
 A fúria terna e irremediável dos combates
 Os mortos sempre a mesma misteriosa morte – o corpo no chão (e o que é o mundo, afinal,
 e
 aonde?)
 Os feridos gemendo do mesmo modo em corpos os mesmos
 E o céu, o eterno céu insensível sobre isso tudo!
 [...]
 E os escudos deitados clama como goelas fumegantes dos que assaltam
 E o súbito desabrochar aéreo das grandes flores amarelas e violentas granadas.
 [...]
 As mortes, o ruído, as violações, o sangue, o brilho das baionetas...
 Todas as coisas são uma só e essa coisa sou Eu...
 [...]
 Tudo misturado, tudo misturado com corpos, com sangues,
 Tudo um só rio, uma só onda, um só arrastado horror.
 [...]
 Sim fui eu o culpado de tudo, fui eu o soldado todos eles
 Que matou, violou, queimou e quebrou todos, (CAMPOS, 2002, p.146)

O começo do poema *ode marcial* fala sobre um barulho de tambores que estão longe, mas que ainda sim podem ser escutados e representam o confronto bélico. A guerra não está no solo português, mas o vislumbre e o impacto mental assombraram desde o início toda Europa. “A guerra era o momento existencial em que o homem se debatia com a realidade, fértil em morte, violência e dor.” (JUNG apud BAUMER, 2002, p.174) Além disso, aparecem na citação os termos abismo, angústia, catástrofe, todos associados a esses ruídos que expressam a finitude como constitutiva do contexto. Já o termo mistério, é profundamente pessimista estando associado novamente ao absurdo, a algo impossível de compreender.

Dentro desse universo absurdo e de alienação cósmica verifica-se uma espécie de absurdo da própria civilização enquanto tal. As civilizações tomadas enquanto parte de uma manifestação guerreira constituem esse contexto dos conceitos estudados. Visto que o mundo descrito revela o reconhecimento do sentimento de não realização da civilização enquanto

triunfo da racionalidade. E, mais do que isso, à exemplo de Freud acerca da alienação para entendermos a perspectiva que Fernando Pessoa tem quando escreve sobre *civilizações guerreiras*, evidenciamos que há um deslocamento. Pois, no poema nota-se que não reconhece mais na civilização a capacidade de realização do progresso e de evolução. Pelo contrário, a civilização com seu esforço de guerra leva à catástrofe, à guerra, à morte.

Quando o autor escreve sobre o fundo do mundo e o abismo das coisas, percebe-se que de certa maneira eles estão entrelaçados até mesmo e, novamente, à perda dos grandes fundamentos. Ou seja, mais uma vez o abismo é colocado como algo que não se enxerga ou que é em sua origem, como dizia Nietzsche, cinzenta.

O trecho evidencia um dos grandes problemas existências do contexto: a finitude. Onde não há um horizonte de perspectiva, há angústia. Como já foi abordado, esse abismo de onde vêm as coisas, trata da representação da quebra dessa geração com seu o passado. Que ocasiona o sentimento de finitude, enquanto condição de restar ao indivíduo apenas o presente de um universo que lhe é absurdo.

No poema, o autor se refere à terra de forma que ela deixa de ser um fundamento. Isto é, o solo que antes era firme, não lhe dá mais garantia. Existe o aspecto fático, mas também o aspecto metonímico. Por isso, quando descreve acerca da terra que treme, fala também dos alicerces da Europa que se abalam. Tudo aquilo que antes era concreto, que consolidava a vida no âmbito de valores e crenças, acaba se esvaindo.

Além disso, as odes do movimento moderno assim como o sensacionalismo conduz a uma escrita permeada pela sensação, representada por meio de estímulos sensoriais com o objetivo de fornecer informações acerca do mundo, através da poesia. Por isso, a leitura de um trecho maior mostra como Fernando Pessoa se utiliza desses recursos para descrever aquilo que vê e que sente. A utilização dessa figura de linguagem na escrita para expressar barulho, repetições, contrapõem os estilos literários anteriores, pois valorizam a sensação para compreensão do real. Tornando-se uma manifestação completa de sua experiência de mundo, visto que interconecta elementos ritmados, seja pela descrição literal das mortes, das batalhas, da Grande Guerra ou mesmo que através da visão desesperançada que constrói a partir disso.

Como pode ser percebido, a quebra de referências com o passado, dão substância ao presente perturbador, mas também modificaram a relação do homem com o futuro. “Todo horizonte está cheio por dentro de um grito absurdo” (CAMPOS, 2002, p.511). Se antes todas as filosofias eram orientadas pela crença do progresso, sendo exemplo disso as filosofias da história, o século XX apontou para o abismo entre as gerações, de forma que reforçou também

a quebra de expectativas em relação ao futuro e do próprio presente absurdo. “E que dor é esta, do antigo e do actual e do futuro” (CAMPOS, 2002, p.142)

Dessa forma, torna-se evidente que esse conceito, sintetizou a expressão de um universo que como demonstrou Souza passava por um processo de desintegração, seja de significado ou de fé em diferentes níveis. Culminando em um sentimento de falta de sentido que abalou a esperança em relação ao futuro, e principalmente em relação a própria humanidade do homem, como foi percebido na concepção de homem problemático do capítulo anterior.

2.2 ALIENAÇÃO

Assim como, constatou-se nos primeiros capítulos, o absurdo é definido por um mundo sem sentido, no qual os valores desaparecem e mais nada é permanente, gerando no indivíduo o sentimento de alienação cósmica. Segundo Baumer, para Sartre o absurdo era a chave do sentimento de estar alienado. Além disso, percebe-se que o conceito também sofreu uma considerável mudança: “Enquanto eles consideravam a alienação como uma reificação, isto é, como uma projecção da essência do homem nos projectos irrealis ou indignos, agora significava o afastamento e desamparo em um universo estranho.” (BAUMER, 1990, p.180)

A alienação da terra juntou-se a esse novo conceito de alienação-cósmica. Assim como aparece em Camus acerca do absurdo, trata-se de uma condição da vida humana da qual não se poderia fugir. Da mesma forma, encontramos no pensamento de Sartre que a alienação parte da condição de liberdade em um universo indiferente. No próximo poema há um exemplo de como a alienação cósmica é representada por Pessoa e também de que forma ela é gerada pelo absurdo em sua obra.

Lá estarei sem o universo, sem a vida, sem a vida, sem eu-próprio, sem nada...
 E lembraremos, a sós, silenciosos, com a nossa dor
 O grande absurdo do mundo, a dura inépcia das coisas
 E sentirei, o mistério sentirei tão longe, tão longe, tão longe, tão longe,
 Tão absoluta e abstractamente longe,
 Definitivamente longe (CAMPOS, 2002, p.163)

O eu-lírico como se pode perceber está alienado segundo a perspectiva de Baumer, não apenas ao universo em um nível cósmico do mundo absurdo “sem universo”, mas de si mesmo. Tanto que vai se desprendendo da realidade: “tão longe, tão longe”. Esse “eu” que aparece deslocado do mundo em um cosmo a parte, em estado de alienação é recorrente na

literatura pessoana. Da mesma forma que aparece na concepção de homem problemático de Baumer, pois trata-se de um eu que está profundamente deslocado em sua própria solidão.

Outro nível de deslocamento que se destaca em sua poesia, é o deslocamento de si em si mesmo. “Não sou meu ser, nem sou meus pensamentos, / A minha vida é um príncipe ao balcão” (CAMPOS, 2002, p.403) O eu-lírico não consegue se entender, nem mesmo em seus pensamentos, questão que já foi abordada a partir dos heterônimos nesse trabalho e que naquele momento estava muito mais relacionada a perda do sujeito do conhecimento. E nesses poemas, ao do universo absurdo. A expressão *príncipe ao balcão* pode inclusive estar relacionada a vida boêmia do poeta e de tantos outros do contexto.

Dessa forma, percebe-se de que maneira os conceitos aparecem interconectados, visto que explicam a somática do mundo vivido que estamos analisando.

Tornando em afastamento dessa costa onde deixei tudo –
Amores, irritações, tristezas, cumplicidades, deveres,
A angústia irrequieta dos remorsos,
A fadiga da inutilidade de tudo,
A saciedade até das coisas imaginadas,
A náusea, as luzes,
As pálpebras pesadas sobre a minha vida perdida... (CAMPOS, 2002, p.220)

No início do excerto pode-se evidenciar que o eu-lírico se afasta, tornando-se alienado não apenas ao mundo, mas a seus sentimentos, de sua vida no universo absurdo e inclusive à angústia. Terceiro e último conceito que será abordado, devido a sua recorrência e aproximação a concepção que Tillich tem de ansiedade.

2.3 ANSIEDADE E ANGÚSTIA

A exemplo de como se pode perceber o conceito na obra de Fernando Pessoa “porque nada fazemos e nada somos, a vida corre-nos lenta nas veias” (CAMPOS, 2002, p.162) A ansiedade de acordo com o teólogo Tillich é um estado no qual toma-se consciência do não-ser, da consciência de sua própria finitude, como já foi abordado no primeiro capítulo.

O mesmo raciocínio, resumido, seria: ansiedade é a consciência existencial do não-ser. "Existencial" nesta frase significa que não é o conhecimento abstrato de não-ser que produz ansiedade, mas a consciência de que não-ser é uma parte do nosso próprio ser. Não é a certeza da transitoriedade universal, nem mesmo a experiência da morte dos outros. Porém a impressão de tais acontecimentos na sempre latente consciência de nosso próprio "ter de morrer", que produz ansiedade. Ansiedade é finitude, experimentada como nossa própria finitude. Esta é a ansiedade natural do

homem como homem, e de certa forma de todos os seres viventes. É a ansiedade de não-ser, a certeza de nossa finitude como finitude. (TILLICH, 1992 p.30).

O conceito evidencia o impacto da consciência de própria finitude como substância do ser. Visto que a ansiedade não está atrelada a um momento determinado, como a angústia, mas a circunstância da vida. No trecho do poema seguinte em que saúda Walt Whitman pode-se compreender como se estabelece essa consciência de finitude em Álvaro de Campos e até mesmo um desejo de alienação, de fuga do universo em que vive.

Excessivo na ânsia de tudo, tão excessivo que
nem falho,
E não falho, porque não tento.
Ou tudo ou nada tem sentido pessoal para mim.
Mas ser universal – não o posso, porque sou particular. [...]
Quero emigrar de vez deste país, Eu,
Deixar o mundo com o que se comprova falido [...]
Ânsia absurda do encontro dos paralelos Deus-vida (CAMPOS, 2002, p.160)

Enquanto que no próximo excerto, a consciência de finitude aparece atrelada ao não fazer, sob um olhar consciente de aceitação da vida, do absurdo. De forma que se torna isolado em si e muitas vezes até mesmo de si, em um estado em que se encontra deprimido e sem se permitir a luta a fuga dessas sensações, entrega-se a elas.

Coitado do Álvaro de Campos!
Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!
Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia! (CAMPOS, 2002 p.269)

Nesse trecho, assim como em outros desse capítulo, será possível perceber a perspectiva de que a ansiedade não trata de um objeto determinado, mas de sentimentos dos quais o eu-lírico, ele mesmo, não pode agir. Novamente, segundo Tillich (1992, p.31) “a ansiedade não tem objeto, ou melhor, numa frase paradoxal, seu objeto é a negação de todo objeto. Portanto participação, luta e amor em relação a ela são impossíveis. Aquele que está em ansiedade está, tanto quanto é mera ansiedade, entregue a ela sem apelação.”

Em Ode Marítima, percebe-se qual sentido é atribuído à ansiedade até mesmo atrelada aos outros conceitos. Nesse poema o eu-lírico olha de fora o início das movimentações no porto.

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!
E quando o navio larga do cais
E se repara que de repente se abriu um espaço
Entre o cais e o navio,

Vem-me, não sei porquê, uma angustia recente,
 Uma névoa de sentimentos de tristeza
 Que brilha ao sol das minhas angustias relvadas
 Como a primeira janela onde a madrugada bate,
 E me envolve como uma recordação de uma outra pessoa
 Que fosse misteriosamente minha.
 [...]
 Ah que essencialidade de mistério e instintos parados
 Em divido êxtase revelador
 Às horas cor de silêncios e angústias
 Não é ponte entre qualquer cais e o O Cais!
 [...]
 O medo ancestral desse afastar e partir,
 O misterioso receio ancestral à Chegada a ao Novo –
 Encolhe-nos a pele e *agonia-nos*
 E todo o nosso corpo *angustiado* sente,
 Como se fosse a nossa alma,
 Uma inexplicável vontade de sentir isto doutra maneira:
 Uma saudade a qualquer coisa,
 Uma perturbação de afeições a que vaga pátria?
 A que costa? a que navio? a que vaga cais?
 Que se adoce em nós o pensamento?
 E só fica um grande vácuo dentro de nós,
 Uma oca saciedade de minutos marítimos,
 E uma *ansiedade* vaga que seria tédio ou dor
 Se soubesse como sê-lo (CAMPOS, 2002, p.107-109)

A partir do trecho em que o autor fala sobre se apartar e partir, revela em sua escrita o sentido de alienar-se. Partir do cais e estar à deriva, representa assim como nas palavras de Baumer “um mar de devir”. Também é perceptível reconhecer como essa condição está atrelada e substancia os sentimentos abordados ao longo do trabalho e os demais grifados na citação. Dentre os termos que aparecem e que desenvolvem a construção do universo absurdo no qual o autor está: tédio, dor, saudade de qualquer coisa, medo, receio. Quando descreve acerca do vácuo que está dentro de nós, fala também do movimento de alienação que acontece em si mesmo, em uma vida sem sentido.

Ah, seja como for, seja para onde for, partir!
 Largar para aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
 Ir para Longe, ir para Fora, para a distância Abstracta,
 Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
 Levado, como poeira, plos ventos, plos vendavais! [...]
 Estoiram em espuma as minhas ânsias (CAMPOS, 2002, p.114)

Novamente o autor aparece entregue ao movimento de afastamento sem nenhum indicio de ir contra, está entregue a alienação, às próprias ânsias. Ainda no mesmo poema “Se sente pesar sobre os nervos o facto de que aquele é o maior dos oceanos / E o mundo e o sabor

das coisas tornam-se um deserto dentro de nós! / [...] Queria apertá-los no peito, senti-los bem e morrer! (CAMPOS, 2002, p.111)

Ode marítima é um dos vários poemas que foi abordado aqui que mereceria um estudo mais aprofundado a partir até mesmo da mesma perspectiva teórico-metodológica. Devido não apenas a sua magnitude, mas aos muitos trechos nos quais aparecem as mesmas sintomáticas que estão sendo discutidas. O próximo trecho evidencia a relação com a própria finitude, dado o movimento de fragmentação do pensamento e conseqüentemente das ciências.

“NÃO: NÃO quero nada.
 Já disse que não quero nada.
 Não me venham com conclusões!
 A única conclusão é morrer.
 Não me tragam estéticas!
 Não me falem em moral!
 Tirem-me daqui a metafísica!
 Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
 Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
 Das ciências, das artes, da civilização moderna!” (CAMPOS, 2002, p.245)

Até mesmo do ponto de vista da história da filosofia esse trecho se torna interessante, quando o poeta fala de estética, moral, metafísica, ciências e principalmente de sistemas completos. Pois a filosofia trabalhou até o XIX com essa ideia de grandes sistemas de pensamento, sendo que a partir do século XX houveram poucos pensadores sistemáticos. Tanto que Hegel é um dos últimos filósofos sistemáticos que se pode citar, a filosofia passou também a ser fragmentada.

Se a civilização moderna, na passagem do poema *Ode Marcial*, é trazida por Pessoa em uma espécie de associação com a guerra, aqui evidencia-se que a mesma é, na verdade, parte desse grande sistema que se despedaçou, pois condensaria ciência, metafísica e moral. Todas elas seriam parte de uma espécie de sistema de mundo e do pensamento que se esfacelaria. Mais uma vez o poeta está a exemplo de Nietzsche usando a morte de Deus como alegoria da morte dos grandes fundamentos.

Bicarbonato de Soda
 Súbita, uma angústia...
 Ah, que angústia que náusea do estômago à alma!
 Que amigos tenho tido!
 Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
 Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,
 Uma desconsolação da epiderme da alma,
 Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...

Renego.
Renego tudo
Renego mais do que tudo.
Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.
 Mas o que é que me falta, que sinto faltar-me no estômago e na
 circulação do sangue?

Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
 Não: vou existir. Arre! Vou existir.
 E- xis-tir...
 E – xis – tir...

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!
 Renunciar de portas todas abertas,
 Perante a paisagem todas as paisagens,
 Sem esperança, em liberdade,
 Sem nexo. (CAMPOS, 2002, p.366)

Outro importante exemplo da morte dos grandes fundamentos aparece no trecho marcado do poema bicabornato de soda. O autor escreve a cerca de sua experiência de mundo sem sentido atrelando-a tanto à angustia, quanto a uma náusea. Mas também ao suicídio, de maneira que renuncia a esperança de futuro. Assim como em outros autores do século, que entenderam o suicido como superação do universo absurdo.

CONCLUSÃO

Finalmente, pode-se concluir como Fernando Pessoa teve uma importante contribuição para a literatura existencial, a literatura da perda de sentido. Além disso, foi possível sistematizar em diferentes poemas de Álvaro de Campos o desdobramento dos A's que segundo Baumer resumem o contexto estudado e também seguir o caminho teórico-metodológico que LaCapra defende ao criticar interpretações que domesticam textos de análise para aquilo que o pesquisador pretende reconhecer em sua fonte. Por fim, foi possível identificar algumas das particularidades de Fernando Pessoa, como a heteronímia e o desdobramento do conceito de ansiedade à um quarto e último A: a angústia.

O estudo a partir da literatura de uma determinada época, dando voz a restos textualizados para que mostrem a experiência de mundo dos indivíduos, permite que seja possível acessar um conhecimento substancial acerca de um contexto e assim fundamentar o conhecimento histórico. Afinal, os restos textualizados, seja da literatura, elaborações filosóficas ou documentos oficiais, se somam em diferentes perspectivas teóricas para construção do conhecimento histórico. Nessa perspectiva, Fernando Pessoa não somente contribui na poesia portuguesa no cenário mundial, mas permite que se conheça mais profundamente o pensamento europeu moderno.

REFERÊNCIAS

- BAUMER, Franklin L. O triunfo do Devir. *O pensamento europeu moderno*. Tradução de Maria Manuela Alberty. 1º edição. Lisboa: Edições 70, Lda, 1990, p.167-182.
- BAUMER, Franklin L. O homem problemático. *O pensamento europeu moderno*. Tradução de Maria Manuela Alberty. 1º edição. Lisboa: Edições 70, Lda, 1990, p.183-205.
- CAMPOS, Álvaro de. *Livro de Versos. Fernando Pessoa*. Teresa Rita Lopes Edição crítica. Lisboa: Estampa, 1993
- CAMUS, Albert. *O mito de sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 14º edição. Rio de Janeiro: BestBoslo, 2020.
- GONÇALVES, Robson Pereira. *O Sujeito Pessoa – Literatura e Psicanálise*. 1º edição. Santa Maria: Ed. UFSM, 1995.
- LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elías José. *Giro lingüístico e historia intelectual*. 1º edição. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012, p.237-293.
- KAFKA, Franz. *Metamorfose*. Tradução de Raquel Abi-S.âmara. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- KAFKA, Franz. Um médico rural: pequenas narrativas. Tradução de Modesto Carone. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. 3º edição. São Paulo: Cultrix, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- PESSOA, Fernando. *Aforismos e afins*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- PESSOA, Fernando. Carta a Adolfo Casais Monteiro. *Arquivo Pessoa*. Lisboa, 13 de janeiro de 1935. Disponível em: < <http://arquivopessoa.net/textos/3007>>. Acesso em: 19 out. 2022.
- PESSOA, Fernando. *Poesia / Álvaro Campos*. Edição Teresa Rita Lopes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- PESSOA, Pessoa. *Obras escolhidas: Mensagem, Poemas de Alberto Caeiro, Odes de Ricardo Reis, Poemas de Álvaro de Campos*. Organização Jane Tutinikian. Porto Alegre: L&MP, 2017.
- TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Tradução de Eglê Malheiros. 5º edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- SOUZA, Ricardo Timm de. O século XX e a desagregação da totalidade. *Totalidade & desagregação: sobre as fronteiras de pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção Filosofia; 50). p.9-29.